

CAPÍTULO I

ENTREVISTA AO PROF. MÁRIO DE SOUZA CHAGAS¹

1 – Célia (*penso que você gosta de ser chamada assim*), como se deu a sua aproximação com o campo de atuação da Museologia?²

Gosto de ser chamada Célia. O Maria complementa, é mais profissional. Em geral, os colegas cariocas costumam chamar-me *Maria Célia*. A propósito, você é o carioca mais nordestino que já conheci -o Mário do repente, da prosa, do abraço por inteiro, da criatividade, da resistência.

A sua proposta de entrevista fez-me reler o meu memorial, escrito para o Doutorado em Educação, quando do meu exame de qualificação, do qual você possui uma cópia. Naquela oportunidade, pela primeira vez, parei para refletir sobre os caminhos percorridos. E agora Mário, você me estimula a repensar novamente as minha idas e vindas, a rica experiência de viver: profissão, emoção, amor, paixão, construção, reconstrução, decepção, tudo isso, numa imensa teia de relações, denominada vida. Acho que sou uma baiana “boa de prosa”, devo-me policiar, ser objetiva na entrevista, embora considere ser um pouco difícil, quando se tratam de Maria Célia e Mário Chagas. Vamos tentar? Falemos, portanto, do meu ingresso na Museologia:

Foi por acaso. Em 1970, vindo do interior para Salvador, concorri a uma vaga nos cursos de História, como primeira opção, e Ciências Sociais, em segunda opção, no vestibular da Universidade Federal da

¹ Museólogo, Prof. Da Escola de Museologia da Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, Mestre em Memória Social e Documento-UNIRIO/Doutorando em Ciências Sociais-UERJ-Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

² Entrevista concedida em 1998.

Bahia. Não fui aprovada na primeira lista. Algum tempo após fui convocada para matricular-me no Curso de Museologia, recém-criado na UFBA, para o qual não haviam sido oferecidas vagas no concurso vestibular, por não estar ainda devidamente estruturado, no momento do concurso. Compareci no dia determinado para a matrícula. Naquele dia conheci o Prof. Valentin Calderon, primeiro Coordenador do Curso e seu idealizador, e que, posteriormente, viria a ser um grande incentivador da minha vida profissional. Ainda me lembro do seu sotaque espanhol, no momento da matrícula, explicando-me o currículo e algumas atividades a serem desenvolvidas no Curso de Museologia: “vais trabalhar com objetos antigos, estudar história, fazer muitas viagens”. Não parece premonição? Acreditei no Curso, fiz a matrícula e até hoje estou imersa, por inteiro, no Mundo da Museologia. A partir dos objetos antigos compreendi que o novo também é museável, que a História é vida, é passado e presente e as viagens, pelo País e fora dele, são uma consequência do meu crescimento com a Museologia, resultado da porta aberta pelo Prof. Valentin Calderon. Como é grande a responsabilidade de um profissional em abrir ou fechar portas!

2 – Qual a importância e qual o papel do Prof. Valentin Calderon em sua formação profissional?

Como você já deve ter percebido na resposta anterior, o Prof. Valentin Calderon desempenhou um papel muito significativo em minha formação profissional. Destaco, não só o incentivo inicial, vindo com a criação do Curso da qual já falei, mas sobretudo, a abertura para a realização de um aprendizado constante, na vivência do cotidiano do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia, quando era o seu diretor, como também a participação em suas pesquisas no campo da História da Arte, com destaque para a pintura e

para a talha das Igrejas de Salvador e do recôncavo baiano. Ainda como estudante, no Curso de Museologia, fiz vários trabalhos práticos no Museu de Arte Sacra, começando, assim, a aprofundar o meu relacionamento com o Prof. Calderon. Logo após a conclusão do Curso, fui convidada, por ele, para ensinar no Curso de Museologia, inicialmente como Professor “Colaborador”, para posteriormente, ser contratada como Professor Auxiliar de ensino, em regime de 20h, após ter prestado concurso. Ministrava aulas em um turno e no outro trabalhava como voluntária no Museu de Arte Sacra. Devo ter atuado no Museu de Arte Sacra, como voluntária e como Professora do Curso de Museologia, com carga horária naquela instituição, durante 10 anos, aproximadamente. Ali tive a felicidade de, junto com outras duas colegas de turma, ser livre para criar, inovar, vivenciar os aspectos administrativos de um dos maiores museus da cidade do Salvador, dialogando com um diretor que confiava em profissionais recém-graduados, explorando todo o nosso potencial, com orientação segura, sem, contudo, deixar que os nossos sonhos e arroubos ferissem a imagem da instituição. Certa feita, ele passou uma semana ausente, participando de um congresso. Quando do seu retorno, havíamos realizado uma proposta de construção de um auditório e de salas para trabalhos com estudantes na área do jardim do Museu, junto a um galpão existente. Ao apresentarmos, cheias de entusiasmo, as plantas já traçadas, e as propostas para conseguirmos a verba que iria viabilizar o empreendimento, ele nos olhou e, com seu sotaque espanhol, enfatizou: “Esqueceram que esta área é tombada pelo IPHAN e que não se pode construir aqui? Ainda hoje guardo aquela proposta comigo.

Absorvido em suas pesquisas e com a administração do Museu, o Professor Valentin Calderon não tinha muito tempo para dedicar às atividades acadêmicas do Curso de Museologia, solicitando sempre a

minha colaboração. Foi assim que iniciei o meu relacionamento com os diversos setores da Reitoria da UFBA e comecei as minhas incursões no Mundo Acadêmico do Curso de Museologia.

Por intermédio do Professor Calderon, foi firmado um convênio entre a Universidade Federal da Bahia e o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, com o objetivo de enviar museólogos para realizar estágio de aperfeiçoamento em museus americanos, com prioridade aos Museus de Ciência e Tecnologia, pois pretendia-se instalar em Salvador um museu dessa categoria. Fui indicada, juntamente com outra colega, para realizar o referido estágio, tendo permanecido, nos Estados Unidos, durante três meses, observando o funcionamento dos seguintes Museus:

- The Franklin Institute–Philadelphia-PA;
- The Carnegie Museum of Natural History-Pitsburg-PA;
- The Henry Francis du Pont Winterthur Museum - Delaware.
- The Museum of History and Tecnology-Smithsonian Institution-Washington, D.C.

Ao retornar, elaboramos relatório das atividades desenvolvidas, trouxemos vasta documentação em slides, que passou a ser utilizada como material didático no Curso de Museologia. Posteriormente, participei, como representante do Curso de Museologia da comissão para implantação do Museu de Ciência e Tecnologia, na Cidade do Salvador.

Com o Prof. Calderon, vivenciei a relação entre teoria e prática, o que me proporcionou o suporte necessário para, mais tarde, poder separar e ao mesmo tempo integrar, Museologia e Museu e Museu e Museologia. Do tempo convivido com o Professor Calderon, guardo a

confiança, a amizade, o respeito, o apoio e o incentivo à minha capacitação profissional. *Tempo de Crescimento!*

3 – Nos Anos 70 o Curso de Museologia da UFBA passou por uma crise bastante séria. Quais foram os motivos dessa crise e como ela foi superada?

Quando assumi pela primeira vez a coordenação do Curso de Museologia, este não era reconhecido pelo Ministério da Educação. Preparei o processo de reconhecimento, preenchendo inúmeros formulários, um para cada professor dos diversos Departamentos que ministravam aulas para o Curso de Museologia, revendo a carga horária e reestruturando o currículo, pois este não estava de acordo com o parecer do MEC. Foi uma batalha de idas e vindas que culminou com a vinda da comissão designada pelo Conselho Federal de Educação e com o reconhecimento do Curso. Vibrei muito, essa realização e com a sensação de missão cumprida, apesar de todas as dificuldades encontradas. Houve dias de eu sair chorando da Superintendência Acadêmica, tais eram as dificuldades e a burocracia.

O Curso, reconhecido, teve melhora da credibilidade na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e na Reitoria. Era hora de continuar lutando, aumentar o corpo docente. Éramos três professores ministrando as disciplinas específicas. O que acontece nesse momento? A Superintendência Acadêmica realiza uma pesquisa e diz ter chegado à conclusão que não havia mercado de trabalho para museólogo em Salvador e resolve retirar o Curso do concurso vestibular. Era inacreditável!... Tínhamos que lutar. Com a participação dos estudantes, fizemos uma campanha pela imprensa, mobilizamos políticos, houve pronunciamento na Câmara Federal, conseguimos adesões de intelectuais e de outros segmentos da

sociedade. Vitória!... O Curso volta ao vestibular, e, desse movimento, que foi capaz de mobilizar estudantes e profissionais já graduados, surgiu a Associação de Museólogos da Bahia. *Momento de crescimento e de grande euforia.*

4 – *Você trabalhou no Departamento de Educação do Museu de Arte Sacra da Bahia e desenvolveu, posteriormente, dissertação de Mestrado sobre o tema Museu, Escola e Comunidade-uma integração necessária. De onde vem seu interesse pelo processo de educação em museus?*

Acho que vem da minha época de “normalista”- assim eram chamadas as alunas do Curso Normal, (atual curso de Magistério de 1º Grau). Lembra-se da música interpretada por Nelson Gonçalves?

“Vestida de azul e Branco, trazendo um sorriso franco, num rostinho encantador, minha normalista linda, rapidamente conquista, meu coração sofredor”...

Assim, o interesse pela educação veio bem antes do museu e da museologia. Ser professora foi realmente uma vocação. Ainda hoje, trabalhar em sala de aula é uma terapia. Esclareço que sala de aula, hoje, para mim, tem um conceito muito amplo.

Ainda como estudante, no Curso de Museologia, preocupe-me bastante com a utilização de nossos museus pelos diversos segmentos da sociedade. Considerava um desperdício a aplicação de verbas em instituições que não passavam de depósitos de objetos. Tinha um ideal: "Tornar os Museus úteis à sociedade". E visualizava a viabilização desse ideal por meio da relação museu-escola. Desde o meu ingresso no Curso de Museologia, como professora, dediquei-me

às atividades relacionadas com a ação educativa dos museus. De 74 a 79, realizei vários programas com alunos e professores das redes estadual e particular de ensino da cidade do Salvador, no Museu de Arte Sacra da UFBA. Àquela altura, sentia a necessidade de aprofundar as questões relacionadas com a utilização dos museus, como recurso educativo, e me inscrevi na seleção do Mestrado em Educação, tendo sido aprovada em 1979. A minha dissertação de mestrado teve como título: *“Museu-Escola: uma experiência de integração”*. No meu primeiro livro, que teve o patrocínio do Ministério da Cultura-Sistema Nacional de Museus, dedico um capítulo à dissertação do Mestrado.

Devo registrar que, antes de fazer a seleção em Salvador, inscrevi-me na CAPES, para fazer um Mestrado de Educação em Museus, oferecido pela George Washington University-Washington D.C. Fui aprovada, mas optei por realizar o curso em Salvador.

Hoje, considero a ação museológica como uma ação educativa e de interação, que produz conhecimento e busca a construção de uma nova prática social. Portanto, a ação museológica é, por mim compreendida, uma ação *educativa e de comunicação*.

5 – *Sabemos que você defendeu em 1996 a sua tese de doutoramento. Como foi esse processo? Que contribuições você compreende que essa tese pode trazer para a Museologia Brasileira?*

Existiu um intervalo grande entre o mestrado e o doutorado, o que me permitiu um amadurecimento maior, com base nas reflexões teóricas. Houve um bom avanço em relação à construção do conhecimento na Museologia, nesse período, também proporcionado

pela vivência em vários projetos e nas atividades como docente do Curso de Museologia. Talvez, por isso o doutorado tenha sido um processo tão rico, se não vejamos:

Em primeiro lugar, esse caminhar de construção e reconstrução foi e está sendo, para mim (continuo atuando no Museu-Didático Comunitário de Itapuã, originado do meu objeto de estudo do doutorado), uma fonte infinita de conhecimento e crescimento pessoal. Ressalto que não quis ser “objetiva” almejando uma neutralidade absoluta que apagasse as marcas da minha implicação no meu objeto de estudo. Estive, todo o tempo, imersa nesse processo, na totalidade; tem sido, realmente, um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão e sonho.

A escolha do tema está relacionada com a minha história de vida profissional, uma vez que temos atuado, como professora universitária, de forma integrada e participativa com professores e alunos de 1º e 2º graus, conforme explicitado anteriormente. Acredito que o nosso compromisso com a sociedade deve-se dar no plano do concreto, assumindo que somos capazes de agir e refletir-transformar a realidade. Qual o compromisso da Universidade com as muitas realidades de um país da América Latina onde imperam a miséria, o cólera, a violência, o analfabetismo? Esta tem sido uma preocupação constante quando atuamos como educadora, museóloga e pesquisadora. Por isso, optamos, mais uma vez, por sair do espaço fechado da universidade, evitando construir uma tese que fosse destinada somente à academia. Assumimos que há possibilidade de produzir conhecimento em todos os níveis de escolarização e que este conhecimento pode ser construído em uma determinada ação de caráter social, reconhecendo o papel ativo dos observadores na situação pesquisada e dos membros representativos dessa situação.

Escolhemos, para desenvolver a ação proposta, o Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, situado na Rua Prof. Souza Brito, s/nº, na Estrada do Farol, em Itapuã, em Salvador-BA, por possuir um Curso de Magistério. Pretendíamos, a partir das atividades que seriam planejadas e desenvolvidas em sala de aula com professores, alunos e funcionários do referido curso, envolver professores e alunos do 1º e 2º Graus, bem como membros da comunidade local. A Escola possuía, à época, 2.800 alunos matriculados

A escolha do Bairro de Itapuã como área-objeto de estudo deveu-se à necessidade de realizar um estudo sistemático, a partir da escola, envolvendo a comunidade local e buscando, através das ações planejadas com os diversos segmentos envolvidos, a compreensão e a reflexão sobre o seu patrimônio cultural, na dinâmica do processo social.

Acreditamos que o patrimônio cultural de qualquer bairro pode ser utilizado para análise e compreensão da realidade do presente e como referencial para construção e reconstrução da práxis pedagógica. Entretanto, confessamos que nos deixamos envolver, também, pelo bucólico, poético, romântico, que é Itapuã, cantada em prosa e verso:

... É bom passar uma tarde em Itapuã,
Ao sol que arde em Itapuã,
Ouvir o mar de Itapuã,
Falar de amor Itapuã...

Nesse sentido, a proposta de um museu didático-comunitário, no Bairro de Itapuã, procura abordar o bairro como forma, como lugar de ação de forças sociais e como imagem. O objeto do museu está sendo o que é o bairro e a sua relação com o contexto da Cidade do Salvador, enquanto fenômeno que a análise científica está recuperando e interpretando; portanto, não estão sendo excluídos a cidade de hoje e o bairro de hoje com suas contradições, pois ambos só poderão ser compreendidos dentro de uma perspectiva histórica.

Quanto ao acervo que está sendo musealizado, podemos identificá-lo como acervo **institucional** e como acervo **operacional**. O acervo institucional está sendo formado, gradualmente, levando-se em consideração os contextos sociais e históricos, que as peças documentam, levantando-se as demais referências desses contextos, considerando-se valores modestos, anônimos, sem relevância estética, ou de ineditismo. Está sendo considerada de vital importância, nesse sentido, toda a produção cultural que se refira ao universo do cotidiano e do trabalho. Ao acervo **institucional** estão sendo, também, incluídos materiais arquivístico e iconográfico, fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos de várias naturezas, bem como toda a documentação urbana disponível. Quanto ao acervo **operacional**, são considerados: a paisagem, estruturas, monumentos, equipamentos, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, como também na sua capacidade de alimentar as representações urbanas.

Enfim, mesmo inserida no contexto de uma crise que atinge a todos os segmentos da sociedade brasileira e, em especial, nas áreas da educação e a cultura, aceitei o desafio de acreditar que sou sujeito da História e que juntos somos capazes de deflagrar um processo de crescimento conjunto, considerando o patrimônio cultural como um

referencial para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento social, por meio do processo educativo.

Acho que posso identificar algumas contribuições dessa construção conjunta, para a Museologia Brasileira, a saber:

- Houve alguns avanços em relação à compreensão do processo museológico e sua relação com o patrimônio Cultural e com a Instituição Museu. O processo museológico antecedeu a existência objetiva do museu e não se originou a partir de uma coleção, de uma instituição, como normalmente se concebe, mas teve, na pesquisa, o suporte essencial para o seu desenvolvimento. Do processo de construção do conhecimento é que está sendo realizada a musealização, processada a partir da prática social (na escola e no bairro), na sua dinâmica real, ou seja, no processo social, em interação, considerando-se as suas dimensões de tempo e espaço, abordando a cultura de forma integrada às dimensões do cotidiano. Nesse sentido, pude definir o fato museal, como *a qualificação da cultura, em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social;*
- A implantação do Museu Didático-Comunitário de Itapuã tornou possível a realização de uma experiência concreta, em nosso País, de gestão e organização de um museu, construído de forma participativa, embasado numa proposta metodológica que teve como referencial a teoria museológica, portanto em estreita relação com a teoria museológica e aberto a novos conhecimentos;
- processo museológico, através das ações de pesquisa, conservação e comunicação, ao produzir um conhecimento sobre a educação

no Colégio Lomanto Júnior, e sobre o Bairro de Itapuã, organizando um banco de dados no MDCI, está realizando uma ação pioneira no âmbito da educação na Bahia, no sentido de preservar a sua memória e de utilizá-la como referencial para a realização de diversas ações, no presente, além de abrir novos campos de atuação para a museologia e para a educação;

- As ações museológicas, aplicadas ao universo da escola e do Bairro, nos permitiram avançar, em relação a vários aspectos técnicos, na pesquisa, na preservação e na comunicação;
- Através da análise da atuação dos professores e dos estagiários do Curso de Museologia, desenvolvendo um processo museológico integrado à prática educacional no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, pudemos levantar alguns aspectos em relação ao perfil do museólogo, que talvez possa contribuir para uma reflexão em torno dos currículos dos cursos de Museologia e para a ampliação da concepção em torno do campo de atuação do museólogo;
- Em relação ao Curso de Museologia, no decorrer das diversas ações, viabilizou-se a participação de estagiários atuando em atividades de pesquisa, preservação e comunicação, os quais têm vivenciado uma ação museológica com base na participação, na interação com os diversos participantes, atuando na gestão e organização de um Museu Didático-Comunitário, oportunidade até então inexistente no Curso de Museologia da UFBA. Quanto aos professores do Curso, conseguiram integrar as ações de pesquisa, ensino e extensão, trazendo para a sala de aula o conhecimento construído no processo, para análise e reflexão dos alunos da graduação;

- Embora os programas, tomados como estudo de caso, tenham sido realizados em um museu didático-comunitário, e mesmo considerando as especificidades dessa instituição, acredito que as ações ali desenvolvidas possam servir como referencial para qualquer categoria de museu, desde que se realizem as reduções necessárias, no sentido de adaptá-las a outras realidades. Acredito que os programas dos museus são o resultado da concepção de museologia e de museu, assumidas por aqueles que atuam nas instituições museais, e que por meio da sua atuação, no interior ou fora da instituição, podem alimentar a teoria museológica, e, conseqüentemente, provocar a necessária transformação no museu. A instituição museu não é um produto pronto, acabado. É o resultado das ações humanas que o estão construindo ou reconstruindo a cada momento; portanto, é resultado da prática social;
- Foi possível aos participantes conduzirem suas próprias experiências, enriquecendo as ações museológicas, apontando para a solução de problemas, muitas vezes insolúveis, no interior da academia, presa a cânones e a “padrões museológicos” alheios à nossa realidade. As montagens das exposições, por exemplo, foram realizadas de forma extremamente simples, considerando as reais possibilidades oferecidas, em termos de materiais e espaço, e, sobretudo, privilegiando a participação dos sujeitos envolvidos nas ações que as originaram. Desta forma, as regras tradicionais da Museografia tiveram que ser substituídas pelo “*fazer possível e criativo*”, adotando soluções diversas para os problemas relacionados à aplicação das ações museológicas;
- Através dos programas desenvolvidos, foi possível, também, divulgar e ampliar a atuação da Universidade Federal da Bahia

(Curso de Museologia), integrando-a à comunidade onde está inserida, não como entidade superior, que leva o conhecimento produzido na academia, mas aberta ao diálogo e à troca, deixando-se enriquecer e possibilitando também um enriquecimento dos demais cursos participantes das programações;

- Os resultados obtidos confirmam, que é possível enriquecer a Pedagogia e a Museologia, com a participação de milhares de sujeitos, que estão fora da escola, e que, constantemente, encontram soluções criativas para a solução dos problemas enfrentados no cotidiano. Entretanto, para que essa troca seja efetiva, torna-se necessário que o museólogo, o pedagogo ou outro profissional, que venha a desenvolver uma ação entre o Museu, a Escola e a Comunidade, seja um mediador, um professor-aluno, que enriqueça e seja enriquecido;
- Os recursos e fontes potenciais da comunidade e da Cidade do Salvador foram utilizados em um processo contínuo de aprendizagem de jovens e adultos, tendo sido possível, também, compreender que, qualquer museu, independentemente da sua categoria e localização, pode trabalhar com os acervos institucional e operacional;

Foi bom fazer este balanço.

6 – Quais as principais diferenças entre a sua dissertação de Mestrado e a sua tese de Doutorado?

Acho que são substanciais. Quando da escolha do meu objeto de estudo, para a minha dissertação de Mestrado estava preocupada com a qualidade dos programas, que vinham sendo aplicados com

escolares nos museus já instituídos. Apesar de já estar atuando nesse setor há algum tempo, me inquietava muito o nível de aprendizagem alcançada pelos alunos através da participação nos programas oferecidos, principalmente a tradicional visita guiada que, naquele momento, era a atividade executada com maior frequência nos diversos museus da Cidade do Salvador. Considerava que já era o momento de sairmos do estágio inicial para buscar novos métodos que fossem capazes de tornar as nossas ações mais eficazes.

Após as reflexões realizadas no Mestrado, acreditava que a frequência dos estudantes ao Museu não deveria ser considerada simplesmente como evento esporádico, mas deveria ser conduzida no sentido de treinar a observação e o senso crítico dos alunos, a partir da mensagem transmitida pelos objetos em exposição. Questionava se esses objetivos poderiam ser alcançados através de uma simples visita guiada a todas as salas de exposição de um museu.

Apesar de termos realizado um levantamento exaustivo, não foi possível identificar, em nosso País, àquela época, pesquisas que viessem fornecer dados sobre o nível de aprendizagem alcançado pelo estudante ao participar de programas dessa natureza, o que me levou a realizar, através de uma coleta de dados sistemática, com a aplicação de quatro tipos de programas específicos, um estudo que me proporcionou a oportunidade de, através da observação dos comportamentos emitidos pelos alunos e do produto por eles realizado, concluir sobre os resultados de cada tipo de programa. As atividades foram realizadas no Museu de Arte Sacra da UFBA, por sua condição de Museu-Escola para o Curso de Museologia, envolvendo quatro turmas do 1º Ano Básico do Colégio Estadual Manoel Devoto, na disciplina Educação Artística.

Portanto, o meu problema tinha como enfoque principal, a metodologia utilizada nos diversos programas elaborados a partir do acervo exposto no museu e seus resultados para o nível de aprendizagem e para o desenvolvimento da observação e do senso crítico dos alunos.

Em minha tese de Doutorado a abrangência é bem maior, no que diz respeito à produção do conhecimento na museologia, aos processos educativos, aos sujeitos e instituições envolvidos e aos procedimentos adotados, como pode ser constatado na resposta da questão anterior. Os resultados alcançados fornecem uma base para reflexão bem mais ampla e indicam múltiplas possibilidades de ação e produção de conhecimento para os campos da museologia, da pedagogia e para outras áreas do conhecimento. Não dá para abordar, nesta entrevista, todos os aspectos teórico-metodológicos que a envolvem. Na questão anterior fiz uma síntese. Fica o convite para a leitura.

7 – Célia, perdoe a impertinência, você se considera uma nova museóloga?

Acho que você faz esta questão relacionado o “nova museóloga” com o movimento da “Nova Museologia”, não é verdade?

Você me faz retomar a uma das reflexões realizadas em minha tese de doutorado:

Para mim, a Museologia é uma ciência em processo e, como tal, em permanente construção. Não me parece pertinente, portanto, considerar a existência de uma **Nova Museologia**, sob pena de esvaziá-la, de retirar do seu contexto toda a produção que a antecedeu, desprezando essa produção com um sentido pejorativo de velho,

obsoleto, inútil, quando esta deve ser considerada a base, o apoio necessário que nos fundamenta para novas investidas.

Ressalto, entretanto, que o “*Movimento da Nova Museologia*”, e não uma “Nova Museologia,” foi um vetor no sentido de buscarmos um novo caminho, que descobrimos a cada etapa avaliada não ser o ideal, mas o possível, mas que nos instrumenta para seguir adiante buscando o desenvolvimento constante da ciência museológica. **O Movimento da Nova Museologia** foi um impulso necessário à renovação, contribuindo, efetivamente, com o enriquecimento do processo museológico, com um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades. Da construção concreta de museus, com base na interação e na participação, conseguimos avançar também em relação aos aspectos teórico-metodológicos da Museologia. É necessário, portanto, reconhecer o papel do movimento denominado **Nova Museologia**, sem contudo confundi-lo com a *MUSEOLOGIA* propriamente dita.

Considero-me, uma profissional da área da museologia, que toma como referencial os conhecimentos construídos ao longo do processo histórico, para a construção de novos conhecimentos, levando em consideração as múltiplas realidades, aberta à interação com os diversos sujeitos sociais. Considero-me uma museóloga “antenada” com o meu tempo, com múltiplos olhares de busca e realização, a partir do patrimônio cultural.

Acho que sou, *simplesmente museóloga*.

8 – *Como você vê a inserção da Museologia Brasileira no panorama Museológico Mundial?*

Acho que a Museologia Brasileira tem hoje reconhecimento no meio internacional, apresentando uma razoável produção de conhecimento apontando para soluções técnicas mais ajustadas à nossa realidade, destacando-se, sobretudo, por apresentar resultados de projetos elaborados de forma criativa, e que buscam, como objetivo maior, o desenvolvimento social. Ressalto, entretanto, que considero essa projeção mais como resultado do esforço individual de alguns museólogos do que como um produto de uma política museológica que incremente essa projeção e esse intercâmbio.

Do ponto de vista da qualidade, considero que hoje temos muito o que acrescentar ao panorama museológico internacional. Não necessitamos mais dizer simplesmente amém aos “*experts*” estrangeiros.

9 – *Percebe-se claramente que Paulo Freire é uma referência forte para o seu trabalho. Sabe-se que a ligação de Paulo Freire com a Museologia e os museus data dos anos 70. Como você analisa e compreende essa ligação?*

Nos anos 70, começamos a reconhecer que o homem é, ao mesmo tempo, o produto e o criador de sua sociedade e de sua cultura. Começamos a desenvolver ações, talvez de forma não intencional, que traçam um esboço do que consideramos o marco mais significativo da evolução do processo museológico na contemporaneidade: a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e que transforma a realidade. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural,

buscando-se a construção de uma nova prática social. Vejamos o que diz Paulo Freire, a respeito do processo de aprendizagem: “...no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendizado, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é enchido por outros de conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende”.

A busca de um fazer museológico, mais ajustado às diversas realidades históricas, que tem como objetivo “humanizar o homem na ação consciente que esse deve fazer para transformar o mundo”, que tem sido uma constante, nas ações museológicas contemporâneas, com certeza, no nosso entender, tem um referencial bastante significativo na obra do Prof. Paulo Freire. Acho que ainda estamos devendo um estudo mais aprofundado sobre a influência desse grande educador brasileiro para a museologia do nosso tempo.

Percebe-se, por exemplo, ao analisarmos o documento da Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972, evento da maior importância para a Museologia da América Latina, que as reflexões de Paulo Freire estão ali presentes, apesar de ele não ter podido aceitar o convite para participar daquele encontro. Entretanto, a sua ausência não impediu que os temas mais marcantes da sua obra, ou sejam: a conscientização e a mudança, que levam o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, comprometido com um projeto de sociedade diferente, estivessem presentes em Santiago e ainda estejam presentes em nosso campo de atuação, na atualidade.

É indiscutível a importância de Paulo Freire para a Museologia Contemporânea. Reconheço que devo um estudo sobre esse tema. Que tal realizarmos essa produção em parceria? Fica o convite.

10 – O Que você considera básico para a formação profissional em Museologia (visando o aqui o agora e o amanhã) ?

As transformações recentes, nos aspectos político e econômico, no âmbito internacional, apontam para a busca da superação dos paradigmas até aqui adotados, sobretudo no campo educacional. Nesse sentido, compreende-se que as diretrizes e as metas traçadas para a política educacional, no presente, devem apontar para uma ação multidisciplinar que enfoque as diferentes maneiras humanas de ser, de estar no mundo, e de construção e reconstrução das múltiplas realidades. Cada vez mais, torna-se necessária uma ação educativa, que tenha como referencial o patrimônio cultural, considerando o seu rico processo de construção e reconstrução. Sendo assim, as atividades pedagógicas deverão buscar, por meio de uma ação integrada com a comunidade, a qualificação do “*fazer cultural*” local, buscando inseri-lo nos contextos nacional e internacional. Comentando sobre a necessidade de educar os indivíduos para a democracia e a participação nacional e internacional, SANDER, em 1995, chama a atenção para o fato de que os países economicamente avançados concebem os seus paradigmas organizacionais e administrativos com base em suas necessidades econômicas, tradições culturais e aspirações políticas. Salienta, ainda, que “*a eficiência e a eficácia organizacional e administrativa nos países avançados se deve, em grande parte, a que seus paradigmas têm raízes na sua própria História, sua própria cultura*”. É necessário, pois, considerar as múltiplas realidades da América Latina, buscando-se alternativas

organizacionais e administrativas para o Setor Público e para a gestão da educação, incrementando a realização de ações locais, desenvolvidas em perspectiva global, que tenham como referencial o patrimônio cultural. Nesse sentido, a atuação do profissional museólogo tem um significado bastante importante, quando constatamos, que a educação é um fator decisivo para o desenvolvimento dos países do nosso continente.

Por outro lado, a viabilidade de uma integração efetiva entre museu, escola e comunidade, passa, também, por uma revisão de conceitos na área da Museologia. O mundo contemporâneo e as transformações ocorridas nos últimos anos sinalizam para a necessidade de um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades da América Latina. A revisão e superação de determinados paradigmas é essencial, considerando-se a necessidade de aplicação de ações museológicas mais ajustadas à nossa realidade e à criação de novos museus, bem como à reformulação dos já existentes, tornando-os instituições relevantes para a cidadania. A Museologia e o museu têm uma importância central no contexto de reconstrução das nações, na busca de um mundo livre e equitativo. Para tanto, torna-se necessária a formulação de novas diretrizes, à luz dos conhecimentos historicamente acumulados.

11 – Como tem sido a sua experiência com a Universidade Lusófona, em Lisboa? A aproximação entre Brasil e Portugal, através da Museologia, tem dado bons frutos?

Conheci o Prof. Mário Moutinho, atual Vice-Reitor da Lusófona, no 1º Encontro Internacional de Ecomuseus, realizado no Rio de Janeiro, em 1992. Posteriormente, o convidamos, juntamente com outro professor do Curso de Conservador Museólogo, daquela Universidade, para participar de um Seminário do Curso de

Museologia, em Salvador. A partir daí foi iniciado um intercâmbio bastante proveitoso entre aquela Universidade e a Universidade Federal da Bahia. Hoje, a Professora Rosana Nascimento e eu fazemos parte do corpo docente daquela Universidade, onde somos responsáveis por ministrar seminários sobre Museologia e Cidadania, no meu caso, e sobre documentação e inventariação, no caso da Prof^{ra} Rosana .

Por conta desse intercâmbio, já tivemos vários trabalhos publicados por aquela Universidade, inclusive a minha tese de doutorado. Além disso, o Museu Didático-Comunitário de Itapuã é credenciado para a receber estagiários do Curso de Museologia da Lusófona, tendo recebido, até o momento, dois estagiários, que participaram de várias ações no MDCL. Três Alunos graduados pelo Curso de Museologia da UFBA já frequentaram o Curso da Lusófona, complementando a sua formação com uma especialização. Também temos participado de vários eventos na área da Museologia, em Portugal, como conferencistas ou apresentando os projetos por nós desenvolvidos no Brasil.

Acho que essa troca tem sido bastante produtiva, para os dois lados, pois pudemos conhecer, de perto, os diversos aspectos da museologia portuguesa, o que nos tem enriquecido muito. Também temos tido a oportunidade de divulgar nossos trabalhos, os quais são recebidos com grande reconhecimento.

Esperamos continuar esse intercâmbio por mais tempo, pois, mutuamente, estamos crescendo. Além dos aspectos profissionais, esse intercâmbio tem proporcionado a oportunidade de construir ótimas amizades em Lisboa, o que tem contribuído para tornar a ação profissional bastante prazerosa.

Lisboa, Velha Cidade.... Quando estou lá, sinto saudades de cá. Quando estou cá, sinto saudades de lá.

12 – *Waldisa Russio é um marco na Museologia Brasileira?*

Em uma das minhas gestões como Coordenadora do Curso de Museologia da UFBA, em 1982, tive a oportunidade de manter o meu primeiro contato com Waldisa. Isso ocorreu quando da realização do I Encontro de Museólogos do Nordeste, patrocinado pela Fundação Joaquim Nabuco. Tive, então, a satisfação de participar, como debatedora, do tema “O Mercado de trabalho para o Museólogo na Área da Museologia”, exposto por Waldisa, que com muito profissionalismo me enviou o texto da sua palestra, com bastante antecedência. Revendo o texto por ela apresentado, naquela ocasião, percebo que, com clareza e caráter científico, já àquela época, estava ali registrada, por Waldisa, o que considero ser uma das suas maiores contribuições à museologia brasileira:

Ter iniciado e dado continuidade a uma discussão teórica, em nível nacional, sobre o caráter científico da museologia.

No mesmo evento, acima citado, tive a oportunidade de observar, de perto, a garra e o entusiasmo de Waldisa, quando, junto com a delegação da Bahia, discutiu e defendeu, com segurança e entusiasmo, a necessidade de regulamentação da profissão de museólogo, tendo contribuído, posteriormente, em vários momentos, na discussão da proposta de lei, além de ter realizado gestões para sua aprovação pelo Congresso Nacional.

Realizamos discussões conjuntas em vários seminários e congressos, em que a presença de Waldisa era marcada por seus

pronunciamentos, em prol de uma museologia voltada para o social, enfatizando a necessidade de um intercâmbio mais produtivo entre os Cursos de Museologia existentes no País, salientando, sempre, a necessidade de revisão de seus currículos, adequando-os à necessidades regionais e a uma museologia que tivesse como enfoque principal o homem e, não somente, o objeto.

Com o objetivo de aprofundar o intercâmbio entre o Curso de Museologia da Bahia e o de São Paulo, convidamos Waldisa, em 1984, para proferir um curso, em Salvador, oportunidade em que apresentou a estrutura e funcionamento do Curso de Museologia do Instituto de Sociologia e Política, destacando as linhas de pesquisas de seus professores e alunos. Com a liderança de Waldisa, foi possível, no Estado de São Paulo, a formação de vários profissionais para atuarem no campo da Museologia, os quais com certeza, têm contribuído, para uma atuação mais eficaz das instituições museológicas daquele Estado. Infelizmente, apesar de seus esforços, não foi possível ter o Curso reconhecido pelo MEC, antes do seu falecimento.

Acompanhei a luta de Waldisa para realizar o I Seminário Latino-Americano de Museologia. Eram seus objetivos buscar uma aproximação maior com os nossos colegas da América Latina e uma discussão conjunta com os coordenadores e professores dos cursos de Museologia existentes no Brasil. Com muito esforço, conseguiu realizar o Seminário, e, através daquele evento, pudemos iniciar um intercâmbio profícuo com diversos profissionais de outros países de nosso continente, quebrando o nosso isolamento.

Considero que é impossível para os Cursos de Museologia existentes, hoje, no País, discutirem Museologia e museus, sem uma

análise dos conceitos apresentados por Waldisa, em todos os seus textos. Acho, sim, que Waldisa é um marco, não só para a Museologia Brasileira, como para Museologia da América Latina. Ela representa:

- Museu construído com a participação do cidadão;
- Museologia além do cenário do museu;
- Fato museal – “relação entre o homem e o objeto”;
- Interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e museologia;
- Entusiasmo e amizade;
- Intercâmbio entre os profissionais de museus da América Latina e entre os Cursos de Museologia do País.

Sinto saudades das suas contribuições, do seu entusiasmo, da sua força e da sua alegria.

13 – Célia, para finalizar, que mensagem você gostaria de enviar para os profissionais de museus?

Deixo algumas:

- Que olhem para os museus e para além dos museus;
- Que com o patrimônio Cultural, e a partir da **reflexão** e da **ação** sobre o Patrimônio Cultural, possam ser sujeitos da História, promover a atuação de outros sujeitos da História, possibilitando a construção e reconstrução de múltiplos patrimônios culturais, visando ao desenvolvimento social e ao exercício da cidadania;
- Que o fazer museológico produza conhecimento e esteja impregnado de vida - paixão, desejos, sonhos, troca, objetividade

e subjetividade, em permanente abertura para avaliar os processos museais e para a auto-avaliação;

- Que estejam preparados para atuar nos museus e fora dos museus;
- Que busquem, constantemente, a qualidade formal e a qualidade política, assumindo o compromisso social e o exercício da cidadania.

Mário, você me deu trabalho. Mas, quem sou eu sem o trabalho?

Muito obrigada por me fazer buscar, nos meus “alfarrábios”, as lições do passado para compreender melhor a minha atuação no presente, e por me sentir cheia de vida.

Com o meu agradecimento, um poema de Gonzaguinha:

CAMINHOS DO CORAÇÃO

*Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que estou na vida*

*Foi assim que eu quis, e assim sou feliz.
Principalmente por poder voltar a todos os lugares onde já cheguei.
Pois lá deixei um prato de comida,
Um abraço amigo, um canto para dormir
E sonhar*

*E aprendi que se depende sempre,
De tanta muita diferente gente.
Todas as pessoas sempre são as marcas
Das lições diárias de outras tantas
Pessoas*

*Que é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente, onde quer
Que a gente vá.*

*É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho, por mais que
Pense estar.*

*É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos*

*É tão bonito quando a gente vai a vida,
Nos caminhos onde bate bem mais forte
O coração....*